

COMPREENDER A MORTE E O MORRER: ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

UNDERSTANDING DEATH AND DYING: ACADEMICS AT THE UNIVERSITY OF MATURITY OF FEDERAL UNIVERSITY OF TOCANTINS

Maria de Lourdes L. Macedo 1

Nayjla L. Ramos Gonçalves 2

Luiz Sinésio S. Neto 3

Neila Barbosa Osório 4

Jocyleia Santana dos Santos 5

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins, 1
Graduada em História pela Universidade Estadual de Maringá-PR. Membro do
PROGERO E-mail: malutocantins@gmail.com

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins, 2
Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará- UEPA – Pará.
E-mail: nayjlalane@gmail.com

Doutor em Ciências Tecnológicas e Saúde pela Universidade 3
de Brasília, professor do Curso de Mestrado em Educação, ofertado pela
Universidade Federal do Tocantins. Vice-presidente da Universidade da
Maturidade. Presidente do grupo de pesquisa PROGERO. E-mail: luizneto@
mail.uft.edu.br

Doutora em ciências do Desenvolvimento Humano pela 4
Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, professora do Curso de Mestrado
em Educação, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins. Presidente da
Universidade da Maturidade. E-mail: neilaosorio@mail.uft.edu.br

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, 5
orientadora, professora e coordenadora do Curso de Mestrado em Educação
pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

Resumo: A pesquisa realizada no período de abril a julho de 2016, buscou conhecer junto aos acadêmicos da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins do campus de Palmas/TO, a compreensão destes sobre a morte. As informações foram coletadas por meio de pesquisa documental e de campo, com revisão bibliográfica. Utilizou-se o método da história oral temática, com entrevistas semiestruturadas com seis pessoas ligadas ao objeto de estudo. O artigo está dividido em dois subtítulos; o primeiro traz informações sobre a Instituição; e o segundo, caracteriza a morte com base em vários autores e no diálogo com a memória dos cursistas. Conclui-se que os acadêmicos da Universidade da Maturidade – U.M.A. compreendem a morte de forma simples cujos conteúdos desenvolvidos no curso possibilitaram maior entendimento sobre a temática, minimiza o medo da morte.

Palavras-chave: Vida. Morte. Velhice. Medo. História Oral.

Abstract: The research carried out in the period from April to July of 2016, sought to know, together with the academics of the University of Maturity of the campus of Palmas / TO, their understanding about death. The information was collected through documentary and field research, with a bibliographic review. The thematic oral history method was used, with semi-structured interviews with six people linked to the object of study. The article is divided into two subheadings; the first brings information about the Institution; and the second, characterizes the death based on several authors and in the dialágo with the memory of the cursistas. It is concluded that the academics of the University of Maturity - U.M.A. comprehend death in a simple way whose contents developed in the course made possible a greater understanding on the subject, minimizing the fear of death.

Keywords: Life. Death. Old age. Fear. Oral History.

Introdução

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Cora Coralina

O trecho da velha poetisa goiana, Cora Coralina (1959), inicia a reflexão sobre a vida e a morte. Os participantes da pesquisa são os acadêmicos da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins do polo de Palmas, onde os mesmos transferem o que sabem, seja na troca de experiências, ou nas vivências com os companheiros de curso, familiares, amigos, professores e demais colegas da universidade, e aprendem o que ensinam, pois a vida é um aprendizado, e este poderá auxiliar no processo de compreensão da morte.

A proposta da pesquisa surgiu a partir das discussões em sala de aula no curso de mestrado em educação, especificamente na disciplina de Tópicos Especiais em Educação Intergeracional, após a leitura de artigos contidos no Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto (2014).

Além disso, a temática requer a necessária compreensão desta fase da existência, ou seja, os lutos e as perdas que se pode vivenciar no seio familiar ou a perda do próprio corpo físico, por meio da morte. O estudo sobre a morte e o morrer, demonstra a leveza do processo que por meio do conhecimento e da compreensão sobre o assunto, pode tornar a vida melhor de ser vivida, fato demonstrado pelos acadêmicos da Universidade da Maturidade e pelos autores pesquisados.

Outro ponto relevante, e que é uma justificativa pessoal para a escolha da temática da pesquisa, refere-se às colocações de Santos (2014, p.03) “[...] a pessoa que deseja aumentar o seu conhecimento sobre a morte e o morrer está desembarcando em uma exploração que nada mais é do que uma viagem à descoberta de si mesmo.”

Nessa perspectiva, o artigo traz um referencial histórico da Instituição-Universidade da Maturidade, constituição, percurso e atendimentos realizados; também foram trabalhados alguns conceitos, dentre eles, velho e morte. As discussões sobre a vida e a morte estão mediadas pelos autores, Beauvoir (1990); Osório(2002); Kardec (2004); Osório e Neto (2009); Ferreira (2011); Freitas (2013); Costa (2014); Grzybowski (2014); Incontri (2014); Lucchetti e Lucchetti (2014); Santos (2014); Silva (2014); Silva (2014), Solano (2014); Xausa (2014); e por meio das entrevistas efetuadas com seis acadêmicos da Universidade da Maturidade do campus de Palmas/TO; três oriundos da 3ª turma (2008) e três da 6ª turma (2016). A opção pela história oral, é que ela, dá voz aos silenciados. Se está dentro da Lei Natural nascer, crescer, progredir e morrer, porque temos medo da morte? Assim, por meio do diálogo com os autores e acadêmicos da Universidade da Maturidade, pretendeu-se discutir sobre a vida e a morte. A pesquisa realizada no período de abril a julho de 2016, sob Comitê de Ética número 016/2014.

A Universidade da Maturidade

A longevidade, de maneira geral, é o desejo da grande maioria da população mundial, desde que seja com qualidade de vida. Segundo o Ministério da Saúde (2007), a expectativa no Brasil e em todo o mundo para 2050, é de que existirão mais velhos que crianças abaixo de 15 anos, fenômeno esse nunca antes observado.

É nesse contexto que nasce a Universidade da Maturidade – UMA, na Universidade Federal do Tocantins-UFT, Campus de Palmas, em 26 de fevereiro de 2006 com a aula Magna realizada no auditório do SENAC em Palmas, capital do Tocantins, com o Reitor Prof. Dr. Alan Barbiero, e a participação de 350 inscitos, cuja oferta era de 50 vagas. Desta forma, o Colegiado¹ de Pedagogia da Universidade da Maturidade aprovou a construção do Programa UMA-UFT com o objetivo de conhecer o processo de envelhecimento do ser humano e provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna, embasado no Estatuto do Idoso (PPC, 2006, p.05).

Inicialmente a proposta do Curso possuía uma carga horária de 350 horas-aula, com duração

1 PPC-Projeto Pedagógico do Curso- Universidade da Maturidade, 2006.

de 18 meses dividido em três módulos, em que o acadêmico, ao cumprir os requisitos na íntegra, receberia o título de: **Educador Político Social do Envelhecimento**. Na primeira turma foi aplicada uma avaliação para selecionar os inscritos, ou seja, uma espécie de vestibular. Atualmente não há seleção por meio de prova escrita, apenas a inscrição e cópias de documentos pessoais, o inscrito necessita ser maior de 45 anos.

No Tocantins² há sete polos da Universidade da Maturidade, distribuídos nas seguintes cidades: Araguaina, Arraias, Gurupi, Porto Nacional, Palmas, Tocantinópolis e Miracema. Nestes 10 anos de vida e trabalho, a U.M.A. formou 15 turmas, aproximadamente 1.920 cidadãos e cidadãs tocaninenses com uma nova formação, uma renovada visão da vida, maior conhecimento sobre a velhice e a morte, e com esperança em dias melhores.

Desta forma, o Curso vai além de uma formação acadêmica, ele promove a expectativa de uma vida dinâmica e feliz, tanto para os acadêmicos, quanto para os demais envolvidos no Programa. Destacamos a fala da cursista Railda:

Não estamos estudando pra formar em alguma coisa, por exemplo, pedagogia. Não é, é pra você viver uma velhice melhor, isto que discute aqui. Têm umas palestras maravilhosas, você escuta aquilo ali e você fica maravilhado. Você sente que pode fazer algo e que vai dar certo. Eu adoro, vem muita gente de fora fazer palestra, aprendemos muito, é maravilhoso. A formatura é para nós termos um prazer que não tivemos, estudei só até a quinta série. É muita felicidade depois de 60 anos você ter um álbum de sua formatura com a família, isto é maravilhoso (SANTOS, 2016).

A fala da acadêmica retrata a sua felicidade em participar de um Programa de formação que respeita o conhecimento adquirido, bem como, oportuniza novos olhares sobre a vida e o envelhecimento. É missão da Universidade da Maturidade, ofertar uma educação com abordagem holística, buscar o desenvolvimento integral dos atendidos, a melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania (PPC, 2006, p.05).

Segundo consta no PPC (2006, p.14) os conteúdos ministrados inicialmente durante o curso eram: Fundamentos de Gerontologia, Direito do Velho, Oficina do Corpo, Informática, Dança, Cuidadores de Velhos, Educação Gerontológica, Esperanto, Língua Intergeracional, Economia Doméstica, Atividade Física e Envelhecimento, Empreendedorismo na Maturidade, Gerontologia Social, Qualidade de Vida e Envelhecimento, Hotelaria, Estágio Supervisionado, Mediação e Conflitos, Projetos Sociais. Dentro da oferta pedagógica, há também, os Projetos que são desenvolvidos pelos e com os acadêmicos da U.M.A., sendo: U.M.A. no parque, Xadrez no parque, U.M.A. sorriso, e Oficina de oração.

Atualmente, a Universidade da Maturidade oferta as seguintes disciplinas: Informática, Inglês, Dança, Coral, Saúde do Velho, Educação Ambiental, Direitos Humanos, Gerontologia e Espanhol. Faz-se necessário destacar, que a Tanatologia é um conteúdo trabalhado dentro da gerontologia.

Mediante as colocações anteriores, e com a conquista de 10 anos de trabalho no trato à velhice, a U.M.A. descortina o preconceito com a pessoa velha, mostra para a sociedade que a educação gerontológica e as relações intergeracionais, são possíveis e eficazes, pois trazem qualidade à vida dos acadêmicos e uma visão humanizada de quem trabalha e colabora com envelhecer ativo e digno.

Vale destacar os princípios educacionais desenvolvidos pela Proposta Pedagógica do Curso-PPC, que “contribuem para unir os professores em torno de uma proposta de trabalho conjunto, para fomentar a reflexão sobre a ação e para garantir a coerência P.P.C. (2006, p.10)”. Vejamos o que propõe o **princípio de valorização**:

Conceber a educação como um processo de humanização e promoção do ser humano enquanto sujeito, considerando suas experiências, seus conhecimentos prévios e seus valores,

2 Informações colhidas na Secretaria da U.M.A., 2016.

respeitando a sua história e as suas diferenças (PPC,2006, p.10).

Dentro da proposta pedagógica encontramos também, o **princípio da atividade**:

Conceber a aprendizagem como um processo de reconstrução e reapropriação de conhecimentos, de habilidades e de atitudes requer do aprendiz o envolvimento e a participação efetiva, por meio de uma ação interativa. O acadêmico se torna produtor do conhecimento (PPC, 2006, p.11).

O **princípio da autonomia** evidencia a capacidade da Universidade da Maturidade na promoção da melhoria de convivência do velho com seus pares, com os familiares e a sociedade.

Conceber que ensinar é exercer uma influência libertadora, requer que se promova a aprendizagem por meio de ações formativas que conduzam a autonomia do velho. A autonomia requer convivência, postura curiosa e aberta, o assumir enquanto sujeito sócio-histórico-cultural o ato de conhecer. Envolve favorecer a oportunidade de interação, de relação com o objeto de saber, com os outros e com o mundo (PPC, 2006, p.11).

Um outro princípios que norteia o trabalho pedagógico da UMA, com foco na avaliação é o **Princípio da avaliação para a promoção**, que traduz em:

Refletir, por meio da auto-avaliação, sobre o próprio crescimento e o do grupo. Avaliar para promover é um processo de permanente troca de mensagem e de significado, um processo interativo, dialógico, um espaço de encontro e de confronto de idéias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber, de saber fazer, saber ser e saber conviver. Tem caráter mediador e interativo. Mediador, no sentido de observar o acadêmico em atividade para ajustá-la às suas possibilidades. Interativo, no sentido de otimizar espaços significativos de aprendizagem (PPC, 2006, p.12).

A Universidade da Maturidade, além de ofertar uma formação para a pessoa velha, desenvolve projetos de pesquisa no campo da Gerontologia e da educação, de modo a ampliar as discussões em torno das temáticas, visa a formação de novos parceiros para o desenvolvimento das ações educacionais, dentro e fora da UMA. Desde a sua criação, garante suas ações e projetos por meio dos recursos oriundos das emendas parlamentares.

Dessa forma, a Unversidade da Maturidade, atende os anseios dos velhos inscritos no curso de **Educador Político Social do Envelhecimento**, na medida que atende as suas necessidades no contexto social, cultural, político e educacional. Além disso, oportuniza maior conhecimento, de modo a melhorar ao ciclo da vida da velhice.

A Morte: Conceitos, compreensão e análises.

A origem etimológica da palavra MORTE vem do latim *mors*, que deriva de uma raiz Indu-europeu *mer*, que significa morrer, e as demais palavras que derivam da matéria³. Segundo pesquisa em dicionário *online*, a palavra MORTE significa: óbito ou falecimento, cessação completa da vida, da existência, morte de uma espécie, morte de uma planta; no sentido figurado, pode-se considerar: um sofrimento excessivo, ruína, destruição, perda.

Assim, esta pesquisa visa discutir questões da vida e da morte, bem como as concepções dos acadêmicos da Universidade da Maturidade a respeito da morte. Segundo Simone de Beauvoir (1990) ela parece menos terrível quando se está cansado; aqui ela destaca o “Ser” em uma

3 <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/morte/> acessado em 07. Junh.2016

fase da vida, a velhice. De maneira geral, avulta a velhice como uma decadência do corpo físico, esgotamento das energias. Beauvoir (1990, p.46), afirma que “a velhice desemboca para a morte. Mas, raramente ela acarreta a morte sem que intervenha um elemento patológico”.

No entanto, sempre haverá o questionamento de qual deve ser o termo adequado ao se referir a uma pessoa com mais de 60 anos; alguns autores utilizam o termo velho e outros idosos. Rodrigues e Soares (2003), destacam que a terceira idade é a fase que se consolida entre a aposentadoria e o envelhecimento, em que a pessoa sente-se ativo e independente e desenvolve sua autogestão. Já idosos, são os “velhos jovens” com idade entre 60 e 80; os velhos com mais de 80 anos, da quarta idade, são os “velhos velhos”, identifica a imagem tradicional da velhice.

Segundo Ferreira (2012, p.21), “o termo velho, pode ou não ser carregados de preconceitos, embora algumas pessoas prefiram ser chamadas de idosa em vez de velha”. A palavra velho tem origem no latim, *veluto*, e significa muito velho, antiquado, obsoleto. Beauvoir (1990, p.46) afirma sobre a velhice, “Nenhum homem que vive muito tempo escapa à velhice; é um fenômeno inelutável e irreversível. Velhice desemboca sempre na morte [...]”. No entanto, estar velho não significa estar doente, mas em uma determinada fase da existência humana, e que esta será finita.

Na Proposta Pedagógica da Universidade da Maturidade, o termo “velho” é usado como forma de valorar a vida de experiência dos seus acadêmicos defende a bandeira de que: Velho é vida, vivida; Velho é vida renovada; Velho é sabedoria; Velho é reconhecimento do trabalho prestado à sociedade; Velho é U.M.A.

Sabe-se por pesquisas realizadas que a expectativa de vida dos velhos(as) aumentou, segundo o IBGE (2010, apud Ferreira, 2011), a proporção com mais de 60 anos irá crescer 3,6 vezes mais até 2050, no Brasil será a sexta população em velhos no mundo. Ainda segundo a análise de dados, o Brasil possui 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos em relação ao censo de 1991. Contudo, nesse desequilíbrio da pirâmide social, afirma Ferreira, (2011, p.24) que “[...] pode ser uma experiência dramática, caso não se resolvam os problemas básicos como saúde, moradia, alimentação, emprego, como também a criação de novas políticas públicas para os velhos, garantir uma vida digna”. Este fenômeno do envelhecimento populacional requer profunda compreensão acerca das características biopsicossocial dos indivíduos que viveram há mais tempo.

Entende-se que, ser rotulado de velho ou velha, não possui relevância alguma, considera que o que realmente importa é o respeito que se deve à pessoa, independe da fase de vida em que esteja. Se os homens soubessem viver em sociedade, cumprir Leis já constituídas, ou seja, as Leis Divinas, não haveria necessidades de outras Leis.

No entanto, para que se cumpra um direito humano, o homem necessita criar uma Lei ou um Estatuto, como por exemplo, a Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, em cujas Disposições Preliminares destaca-se o artigo 3º:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao velho, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária (ESTATUTO DO VELHO, 2003, p. 05).

Diante desses argumentos que afirma ser dever da família e do Poder Público garantir direito à vida e à saúde, percebe-se grande contradição no que relata Santos (2014, p.10), a “mais de 1.000.000 de brasileiros morrem anualmente [...] causas da morte: doenças cardiovasculares, respiratórias e câncer.” O autor acrescenta que, um número expressivo de brasileiros morrem sem assistência adequada, não só pelas questões de saúde pública, mas também sem assistência psicológica, social e/ou espiritual aos familiares do morto.

A morte é algo a ser estudado e discutido, como afirma Xausa (2014), em algumas culturas, enfatiza-se a compreensão da vida, na qual a morte é considerada uma parte importante no processo de vida e tece críticas à cultura ocidental que alteram costumes com o objetivo de escamotear o horror a ela. Afirma, Xausa (2014, p.407) que “[...] envolvidos numa hipocrisia social; perdeu-se, muitas vezes, a percepção humana e o significado de adoecer, envelhecer, agonizar e morrer.”

Mediante a visão de Silva (2014), que de certa forma traz um conceito de morte e de luto:

A morte é um evento mobilizador de diversos sentimentos, tanto no ser que se depara com a sua terminalidade, quanto em seus familiares e profissionais de saúde que possam estar envolvidos nesse processo de morrer. O deparar-se com a morte do outro marca nosso primeiro contato com a finitude, ampliando nossa consciência da mortalidade (SILVA, 2014, p.71)

Nessa perspectiva, o luto é uma reação da perda de um ser, com a qual havia um vínculo afetivo. Segundo Silva (2014) muitas pessoas conseguem num período entre dois meses a três anos, superar o luto. No entanto, há outras que necessitam de um auxílio especializado, visa não desenvolver complicações em sua existência.

No desejo de entender as colocações de Silva (2014) sobre a superação do luto, destacam-se as entrevistas efetuadas com acadêmicos da Universidade da Maturidade do campus de Palmas – Tocantins. Durante as entrevistas, questionou-se a respeito da superação da perda/luto:

Não é fácil lidar com a perda, eu acredito que tudo acontece diante da vontade de Deus. Meu marido já era diabético desde a idade de 25 anos, lidar com esta diabetes o tempo todo e os riscos que ele corria e a maneira como ele vivia, então tudo isto já uma preparação. A gente vai morrer, uma hora ou outra. Não vou dizer que a gente supera, mas a perda que me faz mais falta é o meu marido. Porque com os meus pais eu vivi tudo com eles, mas com o meu marido eu queria ter vivido a minha velhice. Pra mim, faz mais falta o meu marido. Eu aceito a perda (PEREIRA, 2016).

Ainda segundo Silva (2014, p.77) “o luto é um momento delicado, em que o sujeito tem como processo principal se readaptar ao mundo considera que alguém fundamental não fará mais parte dele.” É um momento que traz sofrimento, sentimento de perda, e varia de pessoa para pessoa o tempo de readaptação à nova forma de viver.

Todos eram maravilhosos, mas a morte de meu pai, foi uma tragédia, a gente sofre mais. Quando a pessoa está doente a gente vai se preparando, vai esperando, minha mãe morreu com 72 anos. Minha sogra o médico falava se cortar, morre mais rápido, e o dia que o tumor estourou, não teve jeito. Com aquele sofrimento a gente vai se preparando. Diferente do meu pai, foi algo horrível. Meu pai morreu em 1971 e até hoje quando ouço barulho de tiro ou vejo alguma arma, mexe comigo, até hoje não superei o trauma (SANTOS, 2016).

Os entrevistados expoem suas perdas, sofrimentos e esforços para superar o luto, evidenciam como se tornaram seres resilientes à perda/luto. Segundo (SOLANO, 2014, p.171) “a resiliência pode ser concebida como um construto associado às características pessoais que permitem a um indivíduo adaptar-se e superar condições adversas.” O autor considera, “que a perda de um ser querido pode ser considerada uma das adversidades mais certas pelas quais passaremos.”

Nesse sentido, Lucchetti e Lucchetti, (2014) fortalece as colocações de Solano, (2014) tanto na questão da superação da perda, quanto na aceitação do luto. Estes autores mencionados explicitam a superação nas vivências espirituais, da mesma forma que os entrevistados também destacam tais possibilidades. Segundos os autores, o ser humano passa, durante sua vida, por diversas fases, vivencia prazeres, dores, sensações, doenças, e perdas, conforme assevera Lucchetti e Lucchetti (2014, p.217), “luto é um conjunto de reações a uma perda significativa.”

Estudos realizados em Nova Iorque, após os ataques às Torres Gêmeas, apontam que 90% das pessoas envolvidas com mortes de familiares ou amigos, voltou-se para a religião como forma de lidar com a perda, buscaram na espiritualidade o fortalecimento e a superação. Em relação a

isso, sabe-se que pesquisas realizadas com pais, mães, viúvos, parente e amigos, cujos resultados apontam para a superação do trauma pela perda de entes familiares e pessoas próximas com mais rapidez, após a busca por espiritualidade e/ou envolvimento em agrupamentos religiosos, em dissonância com as pessoas que não professam qualquer religião ou com alguma forma de espiritualização.

Os entrevistados da Universidade da Maturidade também deixam transparecer em suas falas, o vínculo espiritual com essas práticas, supera o luto, a exemplo da 3ª turma, Venecy, quando conta como superou a perda de seus entes queridos: “Então se a gente procurar orar sempre e pensar que ele está bem, que a pessoa está bem lá, é um alívio pra gente. A oração é o maior remédio para diminuir o sofrimento e aceitar”. Vilma afiança que a religiosidade ajuda a superar a perda: “Cada dia mais, a religião ajuda e mostra que estamos aqui de passagem, não somos eternos.”

Então, porque as pessoas têm medo da morte? Conforme afirmam os autores Lucchetti e Lucchetti (2014), sendo a morte a “*persona non grata*” a ser combatida, o ser humano passou a ter imensa dificuldade com suas perdas, pode ser uma explicação para o medo da morte. Segundo Kardec (2004), quando se questiona sobre o medo da morte, a resposta é que o homem teme não poder cumprir o que lhe foi designado, por isto possui um horror instintivo da morte.

Durante as entrevistas com acadêmicos da Universidade da Maturidade, questionou-se sobre se o medo da morte, quando a acadêmica Venecy (2016) da 3ª turma responde: “Não vou dizer que tenho medo, e nem que não tenha. Este medo vem de dentro da gente, a gente tem medo, mesmo sabendo que não vamos viver pra semente.” A opinião da senhora Railda, da 6ª turma, é que: “O dia que Deus quiser, não tenho medo.” A senhora Clene que também pertence a 6ª turma, concluiu:

Não vou dizer que não tenho, seria hipocrisia minha e uma autoconfiança que não me é devida, mas de tanto lidar com a perda, eu não me assusto com a morte, eu sei que a morte é uma consequência da minha cronologia mesmo, um dia eu vou morrer e isto não me assusta (PEREIRA, 2016).

O senhor Hely que foi acadêmico da 3ª turma da UMA e hoje atua como funcionário da Universidade da Maturidade, expos sua visão sobre o medo da morte: “Não, não tenho, eu não posso ter medo da morte, por meio dela, vou encontrar com Jesus, vou deixar de viver esta vidinha aqui e vou encontrar com Jesus.” A acadêmica Eliane, afirma que durante as aulas na UMA, a morte foi tratada de uma forma tão interessante e rica, que ela passou a entender e não ter medo da morte. “Foi uma aula tão bacana, tinha hora que arrepiava, a Dra Neila explanou sobre isto muito bem, falava da morte, como se fala da vida, eu acho que aprendi a não ter mais medo da morte.”

Conforme as colocações de Abreu (2016) e Shinyashiki (2016), grande números de pessoas possuem medo do novo, das mudanças, uma vez que paira uma dúvida do que encontrar, nesse novo. Pode ser um emprego, um relacionamento, a velhice, uma mudança de endereço, e porque não, a morte. O escritor em seu artigo faz este questionamento: “De onde vem o medo da mudança, se desde que nascemos, vivemos em contínua transformação?” Seguindo a reflexão, acrescenta:

Nascer e mudar são duas palavras que se completam e coexistem. Enquanto a primeira significa entrar em um mundo preestabelecido e desconhecido, já que de um ambiente líquido, passamos a ter de respirar, tendo de superar uma situação de dificuldade e enfrentar um desafio, já mudar nada mais é do que aceitar os fatos e seguir com eles por uma rota de ascensão (SHINYASHIKI, 2016).

Por esse lado, denota-se que os acadêmicos evidenciam esse medo em suas falas, o medo do novo e do que podem encontrar no processo de morte, talvez seja esta a dificuldade do medo e da não aceitação da morte. Segundo as colocações de Abreu (2016), em relação às mudanças ela destaca que as pessoas podem ter uma tendência maior a perceber o negativo do que de perceber o que há de positivo. Acrescenta ainda que o que pode dar errado costuma ser visto com maior ênfase do que o que pode dar certo. Nesta perspectiva, o medo do novo e da mudança, realmente

pode assustar. Analisando as colocações dos autores e as falas dos entrevistados, pode-se considerar talvez, que o medo de morrer, deve-se ao desconhecimento do que irá encontrar após a morte.

As falas dos entrevistados, e as colocações dos autores, em especial, Incontri, 2014; Lucchetti e Lucchetti, 2014; Silva, 2014; Solano, 2014, acordam que, pode estar na religiosidade a superação do medo da morte, conseqüentemente, a aceitação da perda de um ente querido.

Contudo, o medo da morte não é recente, desde os primórdios da humanidade trata-se desta questão, mas também, trata-se de algumas certezas e crenças. Desta forma, (XAUSA, 2014), traz uma poesia de Santo Agostinho sobre a Morte, da qual destaca-se fragmentos:

A morte não é nada, eu somente passei para o outro lado do Caminho. Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, continua sendo. [...] Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador. [...] A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Porque eu estaria fora de seus pensamentos, agora eu estou apenas fora de suas vistas? Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho (XAUSA, 2014, p.413-414).

Para Santo Agostinho, a morte não existe, ela é apenas uma passagem para outro estágio, o ser passa a viver em outra dimensão, ou seja, do outro lado do Caminho. E vai além, “continuamos sendo, o que sempre fomos, e que os laços não são cortados”, pois estão unidos pela mente (inteligência), que não se extermina com a morte do corpo físico.

No entanto, se compreendêssemos as colocações de Santo Agostinho e de outros filósofos que tantas contribuições nos trouxeram, não teríamos medo, e faríamos da vida um paraíso. Mas não fomos, nem somos educados para entender as nuances da vida, como a morte.

Dora Incontri, (2014) traz uma reflexão em torno da postura da escola, de não ensinar, nem refletir sobre as questões que envolvem a morte. Elas possuem um currículo fragmentado, com carteiras enfileiradas, conteúdos pasteurizados e sem significância, e assim funcionam há mais de 400 anos; é uma instituição que atende aos interesses de uma sociedade desumanizada, afirma Incontri. Educar é necessário, falar e entender sobre a vida e a morte é primordial, portanto, é preciso informar. Incontri, (2014) acrescenta:

O que se aprende nessa escola é justamente o distanciamento das próprias emoções, é a desconexão entre o saber e o sentir, entre o saber e o fazer, entre os saberes todos e o sentido de cada coisa. E não há lugar tão pouco para a solidariedade, o compartilhamento, o cultivo comprometido do afeto (INCONTRI, 2014, p.342).

Faz-se necessário aprofundar um pouco mais nas questões educacionais Incontri (2014), utiliza-se das reflexões de Incontri (2010); Watson; Souza, and Trousdale (2014) apontam para a necessidade de uma educação integral e integrada, que promova o sujeito ao desenvolvimento pleno, e ela é essencial quando se trata da morte, uma vez que, os rituais de passagem, as buscas por respostas filosóficas e existenciais, aparecem em todas as religiões. Afirma, Incontri (2014):

Fonte de valores e resiliência, a espiritualidade, saudável e bem vivida, pode ajudar o indivíduo a superar o luto e conferir sentido à vida. Justificando essa necessidade de integração, que era o que já propunham Comenius, Pestalozzi e Rousseau (INCONTRI, 2014,p.344).

Nesse contexto educacional que as escolas ainda não sabem trabalhar a temática morte, Incontri (2014) aponta para mudanças radicais na educação e de uma mudança permanente para o trabalho das emoções diante da perda e do luto, reflexões existenciais e essenciais para todos os seres humanos. Incontri (2014), conclui que “Essa nova educação, em uma escola transfigurada, que deve ser orientada para o ser (e não para o ter), certamente praticará uma pedagogia terapêutica que resultará, no que Frankl classifica como “otimismo trágico”.” Nesta mesma perspectiva, o ensino superior também necessita rever sua forma de focar a questão da finitude do ser. Uma pesquisa

realizada em uma Universidade do Estado de São Paulo, com estudantes do curso de enfermagem, Vargas (2010) destaca a falta de preparo dos acadêmicos para lidarem com a questão da morte e do morrer presentes no cotidiano dos enfermeiros.

Para Grzybowski (2014) a pedagogia espírita é uma das poucas pedagogias que se referem diretamente à morte e suas circunstâncias. Afirma que, “a categoria elementar da **“educação para a morte”** para a pedagogia espírita, assim como, tanatopedagogia é um assunto popular de interesse científico no Brasil” (Grzybowski, 2014, p.316). O autor destaca, que um professor ou tutor preparado adequadamente para transmitir o conhecimento sobre vida e em especial, sobre o sofrimento e a morte, se faz necessário dentro das instituições educativas e complementa:

Uma percepção mais abrangente da educação para a morte e para o sofrer permite determinar uma gama de conteúdos para a educação dos pedagogos e professores no campo da tanatopedagogia, assim como a busca de caminhos em direção à popularização destes conteúdos como elementos indispensáveis da educação em geral (GRZYBOWSKI, 2014, p.316).

E nesta perspectiva de ofertar uma educação abrangente para a vida e para a morte, bem como para o envelhecimento ativo, que a Universidade da Maturidade trabalha temáticas pertinentes e convergentes. Quando questionados a respeito dos conteúdos das aulas Clene, que é acadêmica da 6ª turma, mostra-se satisfeita com o aprendizado adquirido por meio da Universidade e destaca que:

Fala sobre meio ambiente, direitos humanos, ensina a gente a envelhecer, pois é difícil você aceitar ficar velho. Eu não tenho muito problema com isto, pois graças a Deus, a vida da gente, a gente vive por fases. Infância, adolescência, juventude, a maturidade e a velhice. Isto é um ciclo de vida. Ninguém pode ultrapassar nem atropelar nenhum deles, tem que viver cada um. E a UMA dá esta conscientização (PEREIRA, 2014).

Venecy é acadêmica da 3ª turma, que até hoje participa das atividades da Universidade, explica a vivência na U.M.A.:

O direito do velho, discute-se tudo voltado para o velho. Para que o velho não se sinta triste, não se sinta excluído. A Dra. Neila e o professor Neto, eles fazem a gente se sentir vivos. Faz a gente acreditar que a vida existe para o velho, e pra melhor. E isto é muito importante (SANTOS 2014).

As discussões dos autores, e as falas dos entrevistados, convergem na Proposta Pedagógica da Universidade da Maturidade, bem como para sua prática de ensino professada no Projeto.

Uma vez que a Proposta Educacional para um envelhecimento digno e ativo no Tocantins, objetiva oportunizar a autonomia ao acadêmico:

A tarefa de ensinar requer cuidar da aprendizagem do acadêmico, para que ele possa manejar, “por a mão” no conhecimento e construir sua autonomia. Portanto, ensinar adultos e velhos é exercer uma influência libertadora, promovendo a aprendizagem por meio de uma ação educadora emancipatória que libere as pessoas de atitudes e antigas suposições que limitam o seu potencial e que permitam a criação de possibilidades positivas para o crescimento pessoal e social (PPC, 2011, p.09).

O amor não prende, liberta! Esta frase é de autoria de Francisco Cândido Xavier, homem dedicado à prática do Evangelho que doou sua vida aos irmãos, principalmente no auxílio àqueles que perderam seus entes queridos. E a Proposta da Universidade da Maturidade, vai ao encontro

da frase em destaque, visto que propõe ensinar e amar, despertando o ser para a liberdade, e autonomia. Em conformidade com a reflexão, a Proposta Pedagógica, acrescenta ainda que:

O acadêmico não constrói sua autonomia sem tornar-se sujeito de suas próprias propostas. É sair da condição de executor para a de gestor. Para isto o professor estimula a habilidade do fazer por si próprio, responsabiliza o acadêmico, oferece opções de escolhas, abre possibilidades de trocas e organiza situações em que cada um se sinta no compromisso de oferecer sua contribuição ao grupo (PPC, 2011, p.11).

Mediante as citações e as colocações dos entrevistados, pode-se perceber a mudança de vida que a Universidade da Maturidade trouxe para cada um dos participantes da pesquisa, que são unânimes em afirmar que o Projeto deu-lhes vida nova, conforme se expressa a acadêmica Eliane, quando questionada o que a universidade lhe ofertou: “Me ensinou a ter empoderamento.” Não só, por meio dos estudos, mas a autonomia que traz para a vida de cada um, oportuniza um jeito novo de entender a vida, busca um envelhecimento ativo.

Desta forma, a U.M.A. oportuniza aos acadêmicos um novo aprendizado da vida e as possibilidades que ela traz para que o acadêmico entenda cada fase; dentro deste entendimento está a questão de viver e se preparar para a morte sem traumas, sem neuroses, uma vez que a morte é parte integrante de uma das fases da vida.

Portanto, a pedagogia aplicada na UMA destaca-se no papel da educação ao longo da vida e na promoção da transformação social do indivíduo que envelhece. Ao analisar as falas dos educandos fica evidente a contribuição da Universidade da Maturidade para uma melhor convivência do sujeito com família e sociedade.

Considerações Finais

Nascer, crescer, produzir e morrer, é certamente uma consequência natural da vida. Desta forma, o problema da pesquisa se dá no sentido de discutir o medo que as pessoas tem da morte. Quais as causas desse medo. Nesse caso, quanto mais velhos, mais medo da morte possui? Na tentativa de responder ao problema, buscamos por meio do método da História Oral Temática e na revisão bibliográfica, os embasamentos necessários para responder ao referido questionamento.

Para a completude da pesquisa, tendo como objetivo geral o de conhecer como o acadêmico da Universidade da Maturidade do campus de Palmas/TO, compreende a morte, realizamos seis entrevistas com os acadêmicos, sendo três pessoas da primeira turma e três da sexta turma, a fim de obter uma compreensão macro da visão dos acadêmicos. Havia possibilidade de um número mais expressivo de entrevistados, fortalecendo o caráter investigativo da pesquisa e o grau de veracidade das informações coletadas, mesmo com sua abordagem qualitativa. No entanto, a pesquisa respondeu ao objetivo, uma vez que os entrevistados demonstram compreensão sobre morte e vida, fortalecida pelas discussões sobre as temáticas nos conteúdos abordados no curso.

As hipóteses levantadas no início da pesquisa: Nos velhos, acadêmicos da Universidade da Maturidade, o medo da morte se descaracteriza, através das informações e discussões que são realizadas nas aulas? Foi comprovado por meio das entrevistas que realmente, há discussões sobre a morte embasando para uma formação sobre o tema, refetindo em um viver saudável, entendendo a morte como uma sequência da vida e minimizando o medo a partir do conhecimento e do aprendizado.

Observamos que todos os entrevistados apontam os conteúdos que são trabalhados no curso, e estes tratam direta e indiretamente sobre a morte. Desta forma, oportuniza reflexão e análise sobre o tema, levando-os a compreender esta fase da existência, a passagem pela morte, bem como, enfrentar e ou superar pela morte de um ente querido. Desta forma, confirma-se a hipótese de que os acadêmicos recebem as informações e orientações sobre a morte e dela não têm medo. Pode-se concluir que a formação recebida, oportunizou entendimento, mas não descaracterizou totalmente o medo, visto ser intrínseco em cada ser.

Além dos conhecimentos sobre a morte, é de grande importância a discussão sobre o bem viver, afinal ser velho não significa estar doente, mas vivendo uma fase da vida. Segundo Osório

(2002, p.57) “O enigma não é envelhecer, pois faz parte do ciclo vital humano e sim a *qualidade velho*, isto é, a circunstância na qual a sociedade coloca este indivíduo, em analogia a tudo que se dá valor socialmente.”

A Universidade da Maturidade fez e faz diferença na vida dos cursistas; todos falam de como viviam e que o Projeto Ihes trouxe um novo olhar para a vida. Nas entrevistas algumas palavras poderiam representar o papel da universidade na vida de cada entrevistado como: **confiança, empoderamento, oportunidade, revolução, qualidade de vida, felicidade**. A força das palavras em destaque, o significado delas para cada acadêmico demonstra a qualidade do trabalho desenvolvido, o apoio, a liderança, a amizade, os conteúdos que tendem a refazer seus pensamentos e ações. A U.M.A. oportunizou graduação a aproximadamente dois mil cursistas e oportuniza aos graduandos uma nova caminhada na jornada da vida, por meio das discussões de conteúdos relevantes durante as aulas, dos projetos desenvolvidos, das viagens e da troca de experiência.

Entrevistados do estudo

1. DOMINGOS, Vilma Moraes. *Entrevista concedida* a Nayjla Lane Ramos Gonçalves e Maria de Lourdes L.Macedo. Palmas-Tocantins. 17/05/2016.

2. MARQUES, Hely de Carvalho. *Entrevista concedida* a Nayjla Lane Ramos Gonçalves e Maria de Lourdes L.Macedo. Palmas-Tocantins. /05/2016.

3. PEREIRA, Clene da Silva. *Entrevista concedida* a Nayjla Lane Ramos Gonçalves e Maria de Lourdes L.Macedo. Palmas-Tocantins. 17/05/2016.

4. SANTOS, Railda Divina dos. *Entrevista concedida* a Nayjla Lane Ramos Gonçalves e Maria de Lourdes L. Macedo. Palmas-Tocantins. 17/05/2016

5. SANTOS, Venecy Pereira dos. *Entrevista concedida* a Nayjla Lane Ramos Gonçalves e Maria de Lourdes L. Macedo. Palmas-Tocantins. 17/05/2016.

6. TEREZA, Eliane José. *Entrevista concedida* a Nayjla Lane Ramos Gonçalves e Maria de Lourdes L. Macedo. Palmas-Tocantins. 17/05/2016.

Referências

ABREU, Marisa de. **Quando temos medo de mudança?** Psicóloga Marisa de Abreu - CRP 06/29493-5 <<http://www.marisapsicologa.com.br/medo-de-mudanca.htm>>. Acesso em 10. Jun.2016.

BEAUVOIR, Simone de. 1908-1986. **A velhice**; tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FERREIRA, Lucilene. **Velho asilado: qual sua imagem?** Lucilene Ferreira, Regina Simões. – 1.ed.- Várzea Paulista, SP:Fontoura, 2011.

FREITAS, **Elizabete Viana de. Tratado de Gerontologia.** 3ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013

INCONTRI, Dora. **A morte e o luto, a Criança e a Escola** – É possível Integrar essas Questões em uma Educação Desintegrada? In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos.** Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 154ª edição, 2004.

LUCCHETTI, Giancarlo; LUCCHETTI, Alessandra L. G. Luto e Espiritualidade. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro

Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

OSÓRIO, Neila Barbosa. Uma Proposta de Instrumentalização para jovens Universitários atuarem junto a **Velhos Institucionalizados**, Inspirada na Pedagogia Salesiana. Universidade Federal de Santa Maria. UFSM. 2002.

OSÓRIO, Neila Barbosa; NETO, Luiz Sinésio. **Interdisciplinaridade na terceira idade: o caso dos avós**. In: Competências Interdisciplinares. Jocyléia Santana Santos (org.) Isabel Cristina A. Pereira ...[et. al.] – São Paulo:Xamã, 2009.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. **Velho, Velho e terceira idade na sociedade contemporânea**. Revista Ágora, Vitória, n.4, 2006, p. 1-29. <www.pucgoias.edu.br/> Acesso em 08. Jun.2016.

SANTOS, Franklin Santana. **Perspectivas Histórico-culturais da Morte**. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SHINYASHIKI, Eduardo. **O medo de mudar**. <<http://www.edushin.com.br/artigos-leitura/68/o-medo-de-mudar.html>> Acesso em 10. Fev.2016.

SILVA, Adriana Cardoso de Oliveira e. **Conceituando o Luto**. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SILVA, Daniela. **Trabalhando com Luto pela Vida**. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

SOLANO, João Paulo Consentino. Luto e Resiliência. In: **Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/ Franklin Santana Santos**; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

VARGAS, Divane de. **Morte e morrer: sentimentos e condutas de estudantes de enfermagem**. ACTA Paul Enferm. 2010.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **O sentido da vida e o sentido da morte**. In: Tratado Brasileiro sobre perdas e lutos/Franklin Santana Santos; Editores Associados: Ana Laura Schliemann, Pedro Paulo Consentino Solano, São Paulo: Ateneu Editora, 2014.

Recebido em 14 de junho de 2019.

Aceito em 10 de julho de 2019.